

A DANÇA M'GANDA,

Uma questão de identidades ou profissionalismo em Niassa?

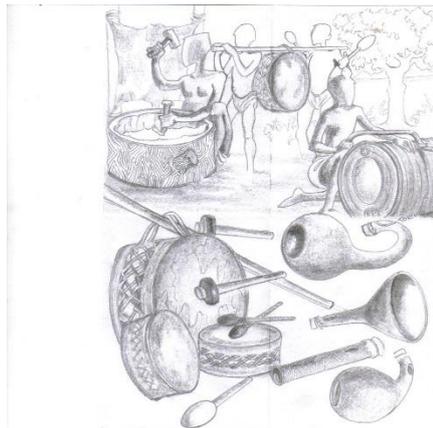
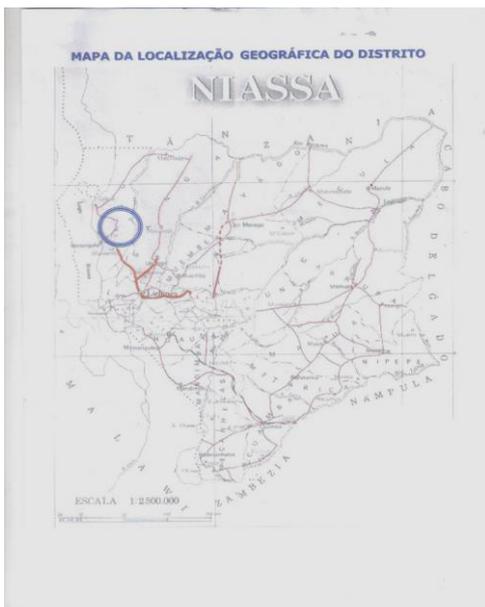
Tubias Capaina

Graduado em Antropologia pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.
Consultor Independence.

Correio eletrónico: capainatubias@gmail.com

Mapa1: Localização geográfica do Distrito do Lago

Fonte: <http://www.govnet/gov.mz/www.metier.co.mz>



Desenho 2: Tambor de madeira, tambor metálico, tamboretas, cabaças e baquetas de paus.

Fonte: Torchio, 2011.

Resumo

O artigo reflete sobre as questões identitárias em Moçambique, com foco na província de Niassa. O povo Nyanja que hoje habita a orla oriental do Lago Niassa é parte integrante de um povo ainda maior, que é conhecido historicamente por Povo Marave. A dança *M'ganda* é uma dança tradicional, exclusivamente masculina, aculturada pelos nyanja dos Tonga.

A organização da dança *M'ganda*, composição, estrutura orgânica dos seus órgãos executivos, a sua indumentária, bem como o apuramento e a disciplina mostram terem sofrido influência da participação dos moçambicanos nas duas Guerras Mundiais. Na dança *M'ganda* encontram-se valores históricos, tais como: a coesão étnica, cooperação e ajuda-mútua; convivência e diversão, amizade, familiaridade e hospitalidade, solidariedade, casamentos exogâmicos e disciplina entre os seus praticantes. A preservação dos valores históricos e sócio-culturais da dança *M'ganda* para as futuras gerações, impõe a integração destes saberes Locais. Assim a dança *M'ganda* é uma das manifestações culturais típicas do Distrito do Lago transmitida de geração em geração e que engloba em si valores históricos que são comuns ao Povo Nyanja.

Palavras-Chave: Dança, Ética, Religião e Deontologia Profissional.

Introdução

O presente artigo aborda sobre: *Os valores históricos da Dança M'ganda no Distrito do Lago em Niassa*. Assumindo a questão valor históricos local abrindo a probabilidade de a dança *M'ganda* poder oferecer ensinamentos sobre a coesão étnica, princípios de hospitalidade, cooperação mútua e partilha de problemas e soluções da comunidade. Por isso pensei na análise ética e deontológica na análise profissional. E assim pensar sobre as possibilidades da sua integração no sistema nacional como património histórico local.

Os conceitos e reflexões acerca de ética e deontologia serão apresentados de modo a introduzir não somente os preceitos mais gerais sobre os temas, mas também para abordar sua aplicação na prática artístico e profissional. Assim analisar a ética como virtude das acções concretas (o ethos), olhando para os hábitos da rotina, constituintes dessa virtude.

Entendo, porém, que há uma diferenciação não somente entre ética e moral, mas também a diferença entre ambos e deontologia. Desta forma, emprego o conceito deontológico como o caminho por meio dos quais podemos estabelecer leituras das acções tomadas em ocasião dos dilemas éticos, uma vez que elas levam em consideração a cultura profissional de maneira acentuada,

Arte é conhecimento, e partindo deste princípio, pode-se dizer que é uma das primeiras manifestações da humanidade, pois serve como forma do ser humano marcar sua presença criando objectos e formas que representam sua vivência no mundo, o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos e uma forma de comunicação (AZEVEDO, 2007) cit.

Ela tem a moral pessoal e profissional como base. Denotando-se a clara influência das teorias éticas de carácter deontológico e cuja expressão máxima se revelou em Kant e na sua filosofia direccionada para o conceito de dever aplicado à realidade do ser humano enquanto ser racional, livre e igual entre os demais.

Caracterização geográfica do Distrito do Lago

O Distrito do Lago localiza-se na região noroeste da Província do Niassa e tem como limites: a norte, a República Unida da Tanzânia; a sul, o Distrito de Lichinga; a leste, o Distrito de Sanga e a oeste, a República do Malawi. (vide o Mapa).

Administrativamente, o Distrito do Lago está subdividido em quatro postos administrativos, designadamente: Cóbue, Lunho, Meluluca e Maniamba. Estes postos agrupam as seguintes localidades:

- Posto Administrativo de Cóbue - as localidades de Wikihi, Ngoo e Lupilichi;
- Posto Administrativo de Maniamba - a Localidade de Bandece;
- Posto Administrativo de Meluluca- a Localidade de Timba;
- Posto Administrativo de Lunho - as Localidades de Tulo e Messumba.

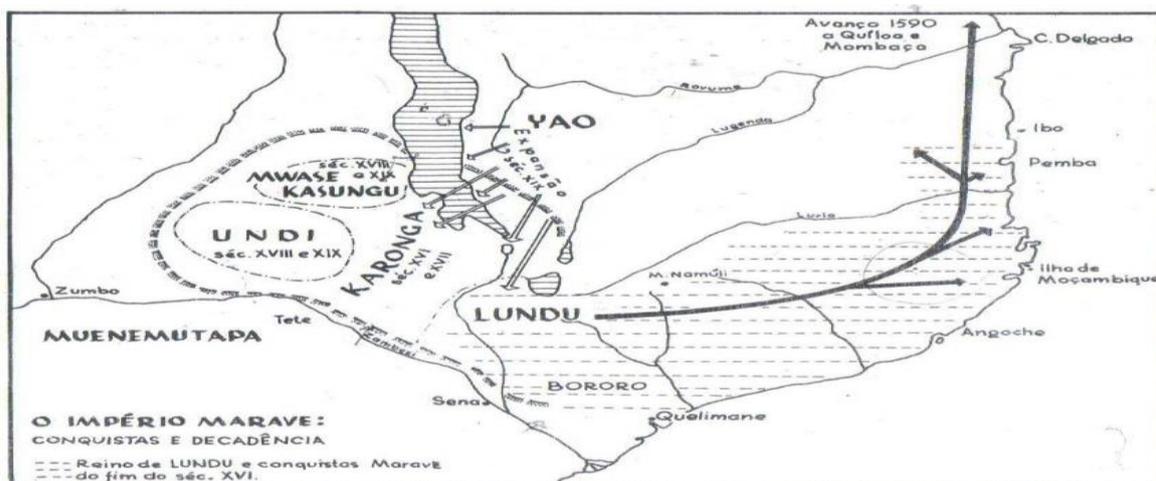
Breve historial e características étno-anropológicas do Distrito do Lago

O primeiro grupo a habitar a zona do Lago foi o nyanja. Este ocupa hoje a região limitada a norte, pela aldeia de Chiwindi que faz limite com a Tanzânia; a sul, pelo Distrito de Lichinga; a oriente pelo Lago Niassa, que faz fronteira natural com a República do Malawi e a leste, pelo Distrito de Sanga. Para melhor compreender-se a fixação e expansão nyanja do Distrito do Lago é necessário recuar no tempo histórico e fazer referência aos Marave que são ancestrais dos Nyanja. Os Marave eram um grupo constituído pelas etnias Chewa, Nyanja, Zimba e Nsenga, entre outras. O Povo Marave é parte integrante dos povos de origem Bantu. Eles são oriundos da região Luba do Congo e, de acordo com a arqueologia, situa-se a sua chegada entre o Shire e Luangua, em Moçambique, entre 1200 e 1400. Quando os portugueses principiaram a subir o Zambeze a partir de 1530, já os Marave se encontravam definitivamente estabelecidos na região. (Departamento de História da UEM, 2000:46).

Em conformidade com o Departamento de História da UEM (Ibid):

“A linhagem dominante dos Phiri era a dos Caronga. Conflitos dinásticos diversos levaram à fragmentação do clã original e novas linhagens se estabeleceram a oeste, sul e sudeste do território ocupado pelos caronga (...) O estado formado pela dinastia dos caronga passou a ter, como satélites, os Estados de Undi, Lundu, Kaphwiti e Lundu que lograram dominar as populações do vale do Shire”. (48).

Veja-se o mapa ilustrativo da expansão e fixação do Povo Marave.



Mapa – Mapa de expansão e fixação do Povo Marave (séc. XVIII-XIX).

Fonte: Departamento de História da UEM, 2000, p. 48.

De acordo com Mazula (1970: 41), os nyanja chefiados por Undi, Mkanda e ainda mais tarde por Chiteji, na região norte, é que constituíram a população do Distrito do Lago. Os ancestrais nyanja ocuparam a região do Lago Niassa em várias vagas, atravessando uns o rio Shire, na zona sul, e outros a *Monkey Bay* (Baía dos Macacos). Alguns ainda, atravessaram Nkhota-kota indo até ao Nkholongwe e Lunguena. Durante a entrada na zona sul, segundo Mazula (1970):

“O chefe Massumba, (Karonga Chimbano) separou-se do seu irmão Undi, ficando este noutra margem do Lago Niassa, mais concretamente, nas terras de Nkhunga (Nkhota-kota) e deixou aqui o seu irmão Kanyenda. Continuando a viagem, o Karonga Chimbano, atingiu a região de Monkey Bay (Baía dos Macacos) e daqui atravessou o Lago Niassa até Lunguena e daí até Ngombo. O Karonga Chimbano reuniu sua gente e informou que a partir daquela data ele passaria a designar-se por Massumba (Masumba), por ter atravessado o lago. Prosseguindo com a viagem para norte chegou a Vizongole terra sob domínio do povo ayao.” (38-41).

Depois de alguns anos em Vizongole, o Karonga Massumba Chimbano morreu e foi substituído por Massumba Capazi, que conduziu o seu povo até as margens do Lago Niassa, em Messumba, e, mais tarde, até *Mbamba Bay*. De regresso, fixou-se definitivamente em Ussa, nas margens dum dos afluentes do rio Lunho perto de Messumba actual.

Na segunda metade do século XIX, as guerras desencadeadas pelos invasores nguni vindos do Mfecane, da África do Sul, contribuíram para dispersão do Povo Nyanja. Hoje os nyanja expriam-se por toda a zona sul do distrito. Os nyanja estão divididos em vários clãs, alguns dos quais e dos mais importantes são: *aPhiri*, *aBanda*, *aNkhoma*, *aMwenda*, *aKhondowe* e *aLundu*. Entre 1850-1880, vieram juntar-se aos nyanja, os yao do grupo populacional chefiado por Mataka Ce Mkali, no Posto Administrativo de Cóbue, e o chefiado por Ngaúnge ou Ngaunje, no actual Posto Administrativo de Lunho. (Medeiros, 1992:76).

Sobre a trajectória yao, diz-se que um grupo de caçadores oriundos de Chizongole ou Vizongole, chefiado por Kalilole, na perseguição de trilhos (*mposo/mkumbo*) de elefantes, chegaram inesperadamente às margens do Lago Niassa. Aqui a terra era muito fértil e rica em fauna e peixe, que era pescado com arpões. Diz-se que os yao ali permaneceram alguns meses a matar e a secar a carne e o peixe. Depois, prepararam viagem de volta para Chizongole. Retornados a Chizongole, Kalilole, sobrinho do Mataka Ce Mkali, relatou sobre a riqueza daquela zona. Foi então que Ce Mkali decidiu encetar um movimento de migração, seguindo a rota indicada por Kalilole, e chegaram às terras que mais tarde designaram Cóbue. Ali fixaram a sua aldeia entre o rio Cóbue, ao norte, e o riacho M'potola ao sul.

No Nordeste do distrito, encontra-se a etnia ngoni na localidade de Lupilichi. Esta, espalha-se ainda por algumas aldeias como a de Lucambo, Chitukwisi, Nakajundo, M'mbalanenga, entre outras tantas, resultante de fugas da Tanzania, em 1905, durante a rebelião Maji-maji, na qual os alemães exterminaram populações wahehe e ngoni. (Medeiros1992:76).

A população do Distrito do Lago é composto maioritariamente por populações etno-linguísticas nyanja. As comunidades yao que chegaram à mesma região entre 1850-1880, conforme foi referido, fixaram-se em três postos administrativos do distrito: na localidade de Mataka, no Posto Administrativo de Cóbue; na localidade de M'pochi, no Posto Administrativo de Lunho e Posto Administrativo de Maniamba. Existe também na região o grupo populacional ngoni localizado em Lupilichi e outras aldeias.

Actividade económica das populações do Distrito do Lago

Devido a sua proximidade com a costa do Lago Niassa, a população do Distrito do Lago dedica-se a actividade pesqueira. A pesca do peixe tchambo é bem conhecida. As populações dedicam-se também a agricultura, cultivando a mandioca, consociada ao feijão nhemba e boer, o milho, o feijão manteiga, a mapira, a mexoeira e o amendoim. Esta comunidade dedica-se também à caça de animais bravios tais como javalis, porcos do mato, antílopes, gazelas, galinhas do mato, pala-palas, hipopótamos, zebras e búfalos.

Cultura

O termo cultura tem um significado polissémico na sua interpretação e uso. Há quem defina a cultura como sendo todas as formas humanas de estar na comunidade. De acordo com Taylor, citando Martinez (2001), É um conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Damatta (1987:52), parte deste ponto para referir que a cultura funciona sempre como formas puras, que permite se ajustar ou não a sua reprodução concreta por meio da sociedade, a ideia das realizações e realidades concretas.

Para Campos (1981) Cultura é uma concepção global, conjunto dos valores, comportamento e instituições de um grupo humano, que é apreendido, compartilhado e transmitido socialmente. Essa definição abarca, portanto, todas as criações do homem, desde os seus mitos, lendas e crenças até a sua produção material e intelectual. É, pois, o resultado da acção do homem sobre o seu ambiente natural e da interacção dos membros de um grupo. É neste último conceito se enquadra a Dança *M'ganda* como uma manifestação cultural típica e única do Povo Nyanja do Lago, pois esta dança permite diferenciar esta etnia das outras

Arte

É uma forma como o homem expressa os seus sentimentos, pensamentos e convicções. Além disso, pode ser entendida como o resultado de uma habilidade que resulta em uma obra com valor estético utilizada como expressão de alguma ideia ou sentimento. Na visão contemporânea, podem ser classificados como formas de arte: a escultura, a pintura, a fotografia, a música, o teatro, o cinema, a literatura, a dança etc., (Azevedo Júnior, 2007).

A arte é fundamental para a vida da sociedade, visto que, por meio dela conseguimos expressar as nossas emoções e sentimentos, seja por meio de quadros, da pintura, da escultura, da gravura e demais técnicas.

As coincidências quando se acumulam tornam-se evidências. Pessoas guardam os seus segredos, computadores não. Exemplo, as tatuagens em forma de artes, são mecanismos de defesa, alguns fazem para esconder as lembranças. Então, se percebermos os fundamentos artísticos podemos entender que todo o mundo tem um plano para registro de suas conquistas e sobrevivências.

A arte da caverna foi a primeira a ser apresentada com estágios bem documentado, providenciando evidências da origem da externalização de memória, (Scarre e Kemp 1998:67). O Homem compreende e expressa a vida em forma de arte, por meio dela, conseguimos ter uma visão mais crítica sobre as coisas, e como apresentado, podemos nos expressar. Ela está presente em tudo, podemos observar na escola, em casa, nos prédios, em vários lugares que frequentamos.

Cerimónia

É um evento que envolve um conjunto de rituais entrelaçados e seleccionados, desempenhados em um determinado momento e em um determinado espaço físico. Por estas definições, entende-se a cerimónia como um evento mais elaborado, mais amplo, que envolve um conjunto de rituais, ritos e símbolos.

O termo cerimónia é frequentemente usado como sinónimo de ritual, porém o emprego os diferencia um do outro, Beals e Hoijer (1953, p. 496-497). Assim, as cerimónias podem ser definidas como a manifestação de sentimentos ou atitudes em comum através de acções formalmente ordenadas. São de natureza essencialmente simbólica, sendo que, no contexto cerimonial, gestos, posturas corporais e objectos específicos estão presentes, por exemplo, as pessoas se curvam, apertam as mãos, sentam em lugares previamente estabelecidos na mesa, levantam e sentam a todo o momento, cantam hinos, aplaudem, discursam por ordem de importância dos seus cargos e assumem outras posturas e gestos condizentes com o local, a hora e o tipo de cerimónia.

Envolvendo o uso de objectos tais como bandeiras, cartazes, flâmulas, flores, cadeiras com espaldares mais ou menos altos de acordo com o nível hierárquico da pessoa que terá assento à mesa.

Todos estes objectos possuem significações simbólicas e, portanto, é necessário saber o significado de tais actos nas cerimónias para captar os seus sentidos. De uma maneira geral, as cerimónias desempenham certas funções para o grupo Social, tais como:

- A intensificar a solidariedade dos participantes;
- A preservar de dúvidas e oposições valores, crenças, normas, regras;
- Ajudam a expressar, perpetuar e transmitir os elementos do sistema de valores e crenças;
- Certas cerimónias podem desempenhar funções específicas.

Assim, as que envolvem os ritos de passagem ajudam o indivíduo a efectuar uma mudança de status.

As de deferências reconhecem a superioridade e a subordinação, ajudando a manter uma determinada estrutura hierárquica. Certas cerimónias podem desempenhar funções específicas, assim, as que envolvem os ritos de passagem ajudam o indivíduo a efectuar uma mudança de status. As que envolvem os ritos de intensificação ou de reforço ocorrem em épocas de crise e atuam para aumentar a solidariedade do grupo e para diminuir a tensão existente, servindo, portanto, para neutralizar a crise e os conflitos por ela gerados.

Dança

Dançar é uma actividade humana voltada para exercitar o corpo com o fim de divertir ou de manter o físico. De acordo com DIAS (1986:217), dançar é pôr o corpo em movimento, em vibração, significa uma espécie de comunhão com as forças vitais, com tudo o que adoram e o que temem. Para Dove, *et al* (2008), na sua obra: “*Vida e Obra de Paulo Samuel Kankhomba*”, explica o conceito por detrás da dança *M'ganda*, sua origem e suas características e enfatiza as habilidades de Kankhomba na execução daquela dança.

Dias (1986), no seu livro intitulado, “*Instrumentos Musicais de Moçambique*”, concentra-se nos instrumentos musicais utilizados para a prática da dança de *M'ganda*. Fala das cabaças e do tambor bimembranofónico, como instrumentos básicos para execução desta dança.

Símbolo

É entendido como pertencente a uma categoria de signos, onde os signos aparecem como apenas subterfúgios de economia, que remetem para um significado que poderia estar presente ou verificado e o sinal como prevenção sobre a presença do objecto a que representa. São palavras ou sigla que substituem economicamente uma extensa definição conceptual. O símbolo define-se como pertencente à categoria dos signos, Durand (1964).

Significado do termo *M'ganda*

De acordo com, Phiri (2004), na sua obra intitulada, “*History of Malawi from earliest times to the year 1915*”, refere-se à chegada, expansão, fixação dos Nyanja e da sua cultura: *Nyau ou Gule Mkulu*. Siliya (1996), em “*Ensaio sobre a cultura em Moçambique*”, no que se refere à dança *M'ganda*, alude à prática da mesma nas Zonas Libertadas, durante a Luta de Libertação Nacional e à sua presença em festivais internacionais, como foi o caso do festival Pan-Africano na Argélia e na Tunísia, em 1968 e 1969, e o Festival Mundial da Juventude e Estudantes na ex- R.D.A.

M'ganda é uma dança tradicional essencialmente masculina praticada pelo povo Nyanja que habita a orla oriental do Lago Niassa e no passado era praticada após as colheitas. A dança permite o fortalecimento de vínculos de solidariedade, de familiaridade, amizade, hospitalidade e unidade étnica. Na língua nyanja, o termo *M'ganda* tem dois significados: a designação da dança em si e o rufar do tambor de *M'ganda*. Outra denominação de *M'ganda* é “*Gule wa malipenga*” que significa dança das cabaças.

Para Tamele e Vilanculos (2002), na sua obra: “*Algumas danças tradicionais da zona Norte*”, fazem alusão à *M'ganda*, afirmando que é uma dança tradicional típica dos Nyanja da região do Lago Niassa. Mencionam os instrumentos e o tipo de indumentária utilizada e indicam que as duas guerras mundiais influenciaram na prática desta dança. Wegher (1995), na sua obra “*Um olhar sobre o Niassa*”, menciona a dança *M'ganda* como uma manifestação cultural do Povo Yao praticada durante as visitas do *Muenye Ce Mataka*, quando este fazia as suas viagens aos povoados sob seu domínio.

Wegher aborda também da função mensageira da dança *M'ganda* ao servir, por um lado, de meio de convocação de reuniões na regedoria e, por outro, como meio de comunicação de desgraças, sobretudo mortes, nas comunidades Yao.

Mito

É aquilo que o sujeito efectua espontaneamente, ou seja, o sujeito não recebe passivamente as sensações exteriores, mas as enlaça com signos sensíveis e significativos. O mito é também uma forma de objectivação, à qual Cassirer (1946, p.164) chama "energia espiritual". O mito deve ser compreendido como uma tentativa de explicação da realidade.

Os mitos estão repletos de desejos de imortalidade. É natural, portanto, que as organizações, ao se renovar tecnológica e até administrativamente, queiram preservar a sua institucionalidade, ou seja, os valores e princípios filosóficos que lhe concedem um carácter diferente das demais. Assim, com o intuito de conservar um alicerce firme e capaz de resistir às tendências ou aos modismos passageiros, as organizações que se dizem visionárias costumam se apropriar de uma variedade de mitos com o fim de mudar aquilo que deve ser mudado e conservar o que deve ser preservado.

Na concepção de Enriquez (1997), o mito é sempre guardião de valores muito importantes para uma sociedade ou para uma organização. Graças a ele, o controle organizacional pode seguir um padrão necessário para fazer frente a inúmeras contingências. Evidentemente o papel do mito é complementado por vários outros actos simbólicos, como rituais, cerimónias, discursos e símbolos.

Génese e expansão da dança *M'ganda*

A dança *M'ganda* é uma manifestação originária do povo Tonga que vive na região nordeste da Niassalândia (Malawi), mais concretamente, no distrito de Nkhata Bay e que, por aculturação devido aos vários anos de convivência, os Nyanja adaptaram-na e tornaram-na parte integrante do seu actual acervo cultural.

A manifestação cultural por excelência dos Nyanja é o *Nyau* ou *Gule Wa Mkulu* (Grande dança) e não *M'ganda* como tal. Entre os Nyanja a maior forma de entretenimento são as canções e dança *Nyau*. Esta dança caracteriza-se pelo facto de os homens dançarem usando máscaras. (Phiri, 2004:31).

A dança mais popular entre o povo Tonga é a *M'ganda*, conhecida em outras partes do noroeste da Niassalândia (Malawi) por *malipenga*. Diz Philip (1946) que “ (...), *aqueles que habitam a zona norte do Malawi (...) aprenderam M'ganda porque conviviam com os Tonga*” (59). É por esta razão que ainda hoje as canções dos vários grupos de *M'ganda* são cantadas em língua tonga. hoje, também se canta em chinyanja. Depois da I Guerra Mundial (1914-1918), a dança *M'ganda* foi redimensionada, ou seja, os homens que tinham lutado no batalhão da Niassalândia designado por “*King's African Rifles*”, depois de terem passado à disponibilidade, decidiram reproduzir as paradas militares, música e aprumo que viveram durante a guerra.

Para (Phiri, 2004:60). Convém chamar atenção para o facto de que os Tonga a que se refere estarem na origem da dança *M'ganda* não são os mesmos que os do sul do Save. Estes são os que no Estado de Gaza eram designados por *mabulundlela*, compostos por populações do Vale do Limpopo e pelos Cossa de Magude e que inicialmente eram considerados como escravos e depois assimilados entre as hostes nguni. Os Tonga, protagonistas da dança *M'ganda*, eram marinheiros e comerciantes vindos de Bandawe e Chintechi, em Nkhata Bay, Malawi. Trocavam os seus produtos, essencialmente o peixe e a mandioca pelas costas do Lago Niassa.

A dança *M'ganda* foi introduzida nas Ilhas de Chizumulu e Likoma por intermédio dos contactos, durante as trocas levadas a cabo por esses marinheiros tonga, conhecidos por “*amanata²*” por se encontrarem sempre com corpos suados por causa de remar. Na ilha de Likoma a dança foi, pela primeira vez, ensaiada na aldeia de Yofu, em 1925, onde tinha sido fundado o primeiro grupo (*Boma*) de dança *M'ganda*, designado por “*London Boma*”. No mesmo ano, outro grupo seria fundado com a designação de “*England Boma*”, tendo à cabeça Carthebat Chilipakatsa da aldeia central da Ilha Mbamba. O grupo “*England Boma*” desempenhou papel importante na difusão e expansão da dança *M'ganda*. Para tal, contava com o apoio da Igreja Anglicana da Ilha de Likoma (Figura 1) que era contrária à dança *Nyau* também praticada pelos nyanja habitantes da ilha.

Os padres anglicanos consideravam o *Nyau* uma dança inapropriada para a divulgação do Evangelho, pelo facto de a considerarem obscurantista, feiticista e supersticiosa, portanto,

nefasta para os propósitos da Igreja. Os padres anglicanos e o capitão da marinha Hoywood introduziram inovações na indumentária e instrumentos dos grupos culturais *M'ganda*. Anos depois, esta dança expandiu-se para Cóbue e depois para a zona sul do Distrito do Lago.



Figura: Saint Peter's Cathedral - Ilha de Likoma, o baluarte da difusão da dança *M'ganda*.

Os tipos de Dança *M'ganda*

Existem dois tipos de *M'ganda* que são praticadas:

A dança *M'ganda* do povo Yao

A dança *M'ganda* yao diferencia-se da dança *M'ganda* nyanja pelo facto de, para além das cabaças, utilizar flautas e ter sido destinada a cortejar a comitiva do regedor Mataka, aquando das suas deslocações periódicas às povoações sob sua jurisdição. Também é utilizada para comunicar aos habitantes das aldeias casos de infortúnios ou de reuniões populares importantes. (Pe. Wegher, 1995:70)

O *M'zurubi/Nzulubi*

M'zurubi ou Nzulubi, outro tipo de *M'ganda*, é praticado pelos Nyanja e pelo povo Yao do Posto Administrativo de Maniamba diferencia-se do facto de incluir também mulheres nos grupos de dança.

Instrumentos da dança *M'ganda*

Para execução da dança *M'ganda* são utilizados vários instrumentos, sendo os mais importantes os seguintes: tambor grande (*Ng'oma*); tamboretas (*Kampekete*); baquetas

(*Mphila*); chocalhos (*Vitchatcha*); cabaças (*Vigubu ou malipenga*) de diversos tamanhos, enxadas (*Vingwangwa*) e bengalas (*sitiki*).

Religião

É um conjunto de símbolos que invocam sentimentos de reverência ou de temor, ligados a rituais ou cerimónias (como os serviços religiosos) realizados por uma comunidade de crentes. Cada um destes elementos deve ser alvo de explicação. Quer as crenças numa religião envolva deuses, ou não, existem sempre seres ou objectos que inspiram atitudes de temor ou de admiração.

A religião consiste em ideias e valores produzidos pelos seres humanos no decurso do seu desenvolvimento cultural, mas projectados erroneamente em forças divinas ou deuses, Feuerbach, (1957).

Religião está conectada à comunicação. Não existe a primeira sem a segunda, haja vista que a transmissão de preceitos de fé se baseia exclusivamente em alguns processos comunicacionais entre duas ou mais pessoas, a atitude religiosa e o pensamento moderno racionalista coexistem num estado incómodo de tensão.

O meu problema com a religião é o homem, com tudo o que tem para ser bonito, o homem vai transformar em algo feio. Para cada santo tem dois milhões de pecadores. Exemplo do abuso ritualizado para defender poligamia infantil em alguns cantos de africa e no mundo.

Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a entidades sagradas, ou seja, a divisão entre o o que pode ser sagrado ou profano. Separadas, interditas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os aderentes, Durkheim, (1996) cit.

Com a modernidade, uma perspectiva racionalista conquistou muitos aspectos da nossa existência e parece pouco provável que a sua força venha a enfraquecer num futuro previsível, para que os meios interpretativos possam fluir, devem ser observados alguns critérios e princípios na sua utilização, a fé limpa o mundo dos erros do Deus, outros alvos são sacrifícios necessários para o bem da santa igreja.

A ética

É comumente entendida como um conjunto de regras e de boas ações que se impõem sobre as pessoas de uma maneira geral, determinando quais são as atitudes esperadas de um indivíduo ou de um determinado grupo social. Assim, ética e moral estão muitas vezes ligadas, integrando um só sentido das ações humanas identificadas e recomendadas dentro de um conjunto de práticas possíveis.

De acordo com Gomes, (2005). Os estudos sobre a moral se referem a um conjunto de valores e a Ética se volta como reflexão sobre estes, ao mesmo tempo que propõe, sugere novas relações. Na medida em que esses cenários estão baseados nos preceitos morais condicionam e adquirem também a perspectiva de valor, dado que essas ações têm suas implicações como desejáveis ou não, apontando assim o valor de cada uma.

A deontologia

É um conjunto de princípios e de regras, estabelecidos pela profissão, de preferência em colaboração com os usuários, a fim de responder melhor às necessidades dos diversos grupos da população, Bertrand (1999). Desta forma, a deontologia vista como o caminho por meio dos quais podemos estabelecer relações das ações tomadas em ocasião dos dilemas éticos, uma vez que elas levam em consideração esta cultura profissional de maneira muito acentuada. Ela tem a moral pessoal e profissional como base.

Ética Deontológica

Quando nos referimos a ética profissional, denota-se a clara influência das teorias éticas de carácter deontológico e cuja expressão máxima se revelou em *Kant* e na sua filosofia direccionada para o conceito de dever aplicado à realidade do ser humano enquanto ser racional, livre e igual entre os demais. Independentemente de existirem possíveis lacunas e pontos questionáveis na fundamentação Kantiana, é inegável a sua poderosa influência sobre todas as questões relacionadas com a formalização do pensamento ético. Ao formalizar, "... Kant transforma a ética numa ciência prática, direccionada para a resolução efectiva de dilemas, problemáticas e questões humanas." (Quintela, 1995, pg.10).

Esta teoria foca o tipo de ação e a conduta adoptada mais do que as suas consequências. *Kant* estabelece que uma conduta ética se baseia em princípios orientadores e regras morais de

valor superior cujo seguimento é uma obrigatoriedade e um dever perante o qual o indivíduo apenas responde naturalmente, usando-o para resolver os seus dilemas éticos.

Aristóteles Foi discípulo de Platão e fundador da sua própria escola, o Liceu, cujos discípulos eram chamados de peripatéticos (de perípatos, que significa caminhar por), pois ele ensinava os seus discípulos caminhando. Para Aristóteles, na continuidade do seu mestre Platão, o homem se forma espiritualmente somente no Estado e mediante a subordinação do indivíduo à comunidade.

O fim último do homem é a felicidade (eudaimonia) e esta se realiza mediante a aquisição de certos modos constantes de agir (ou hábitos) que são as virtudes. Estas não são atitudes inatas, mas modos de ser que se adquirem ou conquistam pelo exercício e, já que o homem é ao mesmo tempo racional e irracional.

Existem duas classes das virtudes:

- As virtudes intelectuais ou dianoéticas: que operam na parte racional do homem, isto é, na razão.
- As virtudes práticas ou éticas: que operam naquilo que há nele de irracional, ou seja, nas suas paixões e apetites, canalizando-as racionalmente.

Mas o que é virtude para Aristóteles? Para ele, a virtude consiste no termo médio (in médio virtus) entre dois extremos (um excesso e um defeito). A virtude é um equilíbrio entre dois extremos instáveis e igualmente prejudiciais. A comunidade social e política é o meio necessário da moral, e o homem é, por natureza, um animal político.

A vida moral é uma condição ou meio para uma vida verdadeiramente humana (a vida teórica na qual consiste a felicidade) acessível a uma minoria ou elite. A maior parte da população mantém-se excluída não só da vida teórica, mas da vida política. Para Aristóteles, a vida moral é exclusiva de uma elite, pois só ela é que pode realizá-la. O homem bom (o sábio) deve ser um bom cidadão.

Aristóteles (1991) propõe que a ética seja pensada a partir de hábitos e acções que ganham corpo no dia-a-dia. Para ele a ética é a ciência que investiga os comportamentos humanos e mantém grande proximidade de sentido com a moral, sendo parte de uma virtude, adquiridas pelo exercício. Pois segundo Aristóteles “as coisas que temos de aprender para depois fazê-las, aprendemos fazendo.

Os clássicos estudos de Aristóteles (1991) nos ajudam a reflectir não somente sobre quais são os tipos de ética possível e quais são as matrizes de argumentos ligados às acções, mas também quanto à presença dos conceitos de hábito no que tange a essas acções. Com efeito, essas noções norteiam também nossos pensamentos sobre a prática rotineira.

A importante noção de hábito associado às virtudes é usada por Aristóteles (1991) para basear sua Ética. A virtude moral, baseada no pensamento e no comportamento correcto - que visa o bem -, é o ethos do agente que profere um discurso, sendo que este discurso seria composto ainda da paixão (pathos) que envolve tal agente e o seu público e o conhecimento (logos) que ele e o público trazem como bagagem. Aristóteles ressalta que somente a vontade de agir, porém, não garante excelência para atingir o bem, o fim desejado de todas as acções. Para ele, o processo de formação daquele que conduz a acção é peça importante dessa trajectória rumo ao bem, ao objectivo da acção. Há, então, necessariamente acção boa (esse juízo que está presente em última instância das perspectivas da Ética) na actividade virtuosa, só o ânimo não basta.

A nobreza reside em ter qualidade por si mesma, sem necessariamente se constituir de prazer na actividade, sabendo que realizar actos nobres, quase sempre associados a princípios e parâmetros éticos, depende dos meios.

O que hoje chamamos de preceitos éticos e que era lido como virtude moral àquela época, diz respeito aos meios pelos quais os indivíduos agem. Porém, esta perspectiva individualizadora das acções deve gerar uma análise que leva em conta a conduta das pessoas em linhas gerais e não específicas, a situação dos] casos particulares é ainda mais carente da exactidão, pois não há arte ou preceito que os abranja a todos, mas as próprias pessoas actantes devem considerar, em cada caso, o que é mais apropriado à ocasião, (Aristóteles, 1991).

Desta forma se estabelece uma ligação directa e necessária com as leis morais de Immanuel Kant, de onde o comportamento moral não se refere a uma acção em si, específica, mas principalmente ao comportamento moral como um todo.

Os Estóicos (384-322 a.C.)

O Estoicismo foi fundado por Zenão. O nome Estoicismo vem de stoá, que significa pórtico. Zenão ensinava os seus discípulos aos pés de um pórtico. Para esta corrente, o bem supremo é

viver de acordo com a natureza racional, com consciência do nosso destino e de nossa função no universo, sem se deixar levar por paixões ou afectos interiores ou pelas coisas exteriores.

Praticando a apatia e a imperturbabilidade, o homem (sábio) se firma contra as suas paixões ou contra os reveses do mundo exterior, e conquista a sua liberdade interior bem como sua autarquia (auto-suficiência) absoluta.

O indivíduo define-se moralmente sem necessidade da comunidade como cenário necessário da vida moral. O estóico vive moralmente como cidadão do cosmos, não da polis. Os principais representantes desta corrente são: Zenão, Sêneca, Epícteto e Marco Aurélio.

Conclusão

A dança *M'ganda* é executada em três fases bem distintas, a saber, a fase de entrada é a das *Malipenga* (cabaças) em que cada grupo entra cantando e tocando. Habitualmente, nesta fase, são exibidas duas canções, a fase de recolha das cabaças é a intermediária e é de tomada de novas posições no grupo, a terceira e última fase é aquela que é conhecida por “*Chitawala*”, que consiste em os dançarinos, uma vez libertos das cabaças entoarem canções que invocam a memória dos sucessos do grupo nos festivais anteriores, entre outros aspectos da vida quotidiana. Para dar ênfase a amplitude destas manifestações culturais, António e Omar (2000), afirmam que, a nível das manifestações sócio-culturais, os nyanjas distinguem-se pela prática das grandes danças de ‘N’ganda’ e ‘Chiwoda’, exibidas por homens e mulheres durante os seus festejos populares que chegam a movimentar milhares e milhares de pessoas.

Com estas abordagens espero ter contribuído significante no entendimento da ética e deontologia como um conjunto de princípios e de regras, estabelecidos profissionalmente, de preferência em colaboração com os usuários, a fim de responder melhor às necessidades dos diversos grupos da população sobre tudo na legitimação das danças moçambicanas no quadro do património nacional por serem marcas da mesma identidade manifestada no contexto artístico e profissional.

Para Machel (1982), As escolas devem saber trazer artistas, cantores, dançarinos, escritores, pintores, escultores, etc. Com efeito, Haydt (2006:202) referiu que o estudo de saberes locais é importante por permitir os alunos estudarem de forma directa o meio natural e social que os circunda e do qual eles participam.

Bibliografia

1. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
2. ANTÓNIO, A. E OMAR, L. L., *A Cidade de Lichinga*, Maputo: ARPAC, Coleção Embondeiro 17, 2000, 88 p.
3. AUGÉ, M. *A Construção do Mundo*, ed. 70, Lisboa.1974.
4. BARROS, J. A., *O projecto de Pesquisa em História- Da escolha do tema ao quadro teórico*, 2.ª Ed., Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005, 236 p.
5. BERTRAND, Claude-Jean. *A deontologia das mídias*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: Edusc, 1999.
6. BERNARDI, B., *Antropologia*, Lisboa: Editorial Teorema, Lda., 1989, 143 p.
7. CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena. 1993.
8. CHISUI, L., *Mkafuna za Ine Mtunga Nkanizi*, Likoma Island: The Universities' Mission Press, 1954, 43 p.
9. DAMATTA, R. *Relativizando; Uma introdução à antropologia social*. RJ. Ed.RoccoLda. 1987.
10. DAMATTA, R.. *A Morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro*, In: *A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro. 1987
11. DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UEM., *História de Moçambique - Parte I- Primeiras Sociedades sedentárias e impacto dos mercadores 200/300-1885. Parte II- agressão Imperialista. 1886-1930*, Maputo: Imprensa Universitária, 2000, 162 p.
12. DIAS. M., *Instrumentos Musicais de Moçambique*, Lisboa: Centro de Antropologia Cultural e Social, 1986, 244 p.
13. DOVE, R., *et al, Vida e Obra de Paulo S. Kankhomba*, Maputo: ARPAC, 2008, 78p.
14. DURAND, G. (1964). *A imaginação Simbólica*, ed. 70, Lisboa.
15. GOMES, Mayra Rodrigues. *Ética e jornalismo*. São Paulo: Escrituras, 2002.
16. HAYDT, R.C.C., *Curso de Didáctica Geral*, São Paulo: Ática, 2006, 345 p.
17. KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011
18. KANT, I. *A crítica da razão pura*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

19. KHATRI, A. P. 1964. *Rock Paintings of Adamgarh (Central India) and their Age*. 759-769pp.
20. LEACH, E. 1978. *Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados; uma introdução ao uso da análise estruturalista em antropologia social*. Tradução: Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar
21. MACHEL, S.M., *Organizar a Sociedade para Vencer o Subdesenvolvimento*, Maputo: 14, S.E, 1982, 47 p._____, *Compreender a Nossa Tarefa*, Maputo: 13, S.E., 1984, 38 p._____, *Educar o Homem para Vencer a Guerra, Criar uma Sociedade Nova e Desenvolver a Pátria*, Maputo: S.E.,1970, 12 p.
22. MARTINEZ, F. L. I.M.C., *Antropologia Cultural-Guia para estudo*, 6ª. Ed., Maputo: Paulinas Editorial, 2009, 202 p.
23. MAZULA, J.H., *História dos Nianjas*, 2ª Ed., Lisboa: Portugal em África, 1970, 62 p.
24. MEDEIROS, C. M., *História de Cabo Delgado e do Niassa (c. 1836-1929)*, Maputo: UEM- Faculdade de Letras, 1992, 252 p.
25. PROENÇA, M. C., *Didáctica da História*, Lisboa: Bertrand, 1989, 215 p.
26. PHILIP, K. D., *Mbiri ya Ngoni*, Blantyre: Assemblies of God Literature Centre Press, 1946, 143 p.
27. PHIRI D.D., *History of Malawi from Earliest Times to the Year 1915*, Limbe: Christian Literature Association in Malawi 2004, 254 p.
28. RITA-FERREIRA, A., *Os Achewas da Macanga*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 8, série C (Ciências Humanas) 1966, 381p.
29. SILIYA, C.J., *Ensaio Sobre a Cultura em Moçambique*, Maputo: CEGRAF, 1996, 246 p.
30. SCARRE, C e KEMP, D. A. *Cognition and Material Culture: The Archaeology of Symbolic Storage-Rock Art: Handmaiden to Studies of Cognitive Evolution*. Dowson, T. A. 67-76pp. Oxford, 1998.
31. SPERBER, D. *O Saber Dos Antropólogos*, ed. 70, Lisboa.
32. TAMELE, V. e VILANCULOS J., *Algumas danças Tradicionais da zona Norte de Moçambique*, Maputo: ARPAC, 2002, 147 p.
33. WEGHER, L., I.M.C., *Um olhar sobre o Niassa*, Vol. I, Maputo: Paulinas Editorial, 1995, 336 p._____, *Um olhar sobre o Niassa*, Vol. II, Maputo: Paulinas Editorial,1999, 369 p.
34. <http://www.govnet/gov.mz/www.metier.co.mz>. Acessado em: 15 de Fevereiro 2011.